

## USOS DA PEDAGOGIA RACIONALISTA NA ESCOLA MODERNA Nº 1 DE SÃO PAULO (1913-1919)


*Usos de la Pedagogía Racionalista en la Escuela Moderna Nº 1 de  
São Paulo (1913-1919)*

*Uses of Rationalist Pedagogy in Modern School Nº 1 of São Paulo  
(1913-1919)*

Douglas Bahr Leutprecht<sup>a</sup> y Norberto Dallabrida<sup>β</sup>

Data de recepção: 25/02/2019 • Data de aceitação: 23/04/2019

**Resumo.** O presente artigo analisa os usos da pedagogia racionalista, elaborada pelo educador anarquista Francisco Ferrer y Guardia e seus colaboradores na Escola Moderna de Barcelona no início do século XX, pela Escola Moderna Nº1, localizada na cidade de São Paulo (Brasil). Além de seu forte teor anarquista e anticlerical, a pedagogia racionalista caracterizou-se pelo positivismo científico, defendendo bandeiras como a educação integral, o aprendizado através dos sentidos, a coeducação das classes sociais e de gênero e a higiene da infância. A execução de Ferrer y Guardia, em 1909, desencadeou no Brasil, bem como em outras partes do mundo, um grande interesse por seu pensamento pedagógico. Desse movimento surgiu a Escola Moderna Nº 1, dirigida, na maior parte do tempo, pelo anarquista João Penteadado. Busca-se no presente trabalho compreender o processo de apropriação da pedagogia racionalista em tal instituição, utilizando-se, para tal fim, jornais escolares e documentos escritos produzidos na instituição dirigida por Penteadado. Concluiu-se que, a despeito da ideia de que a Escola Moderna Nº 1 era uma escola totalmente a parte do pensamento pedagógico hegemônico do período, os envolvidos na instituição acessaram os recursos culturais que tinham

<sup>a</sup> Anima Digital, Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina. Rua Gothard Kaesemoddel nº833, 89203-400, Joinville, Santa Catarina, Brasil. douglas.leutprecht@unisociesc.com.br  
 <http://orcid.org/0000-0003-1492-5656>

<sup>β</sup> Dpto. de Pedagogia, Centro de Ensino a Distância, Universidade do Estado de Santa Catarina. Avenida Madre Benvenuta, 2007, 88035-001 Florianópolis, Brasil. norbertodallabrida@gmail.com.

à disposição. Dessa forma, construiu-se na escola uma proposta pedagógica híbrida, que se apropriou tanto da pedagogia racionalista quanto do modelo pedagógico existente nas escolas graduadas, que no Brasil se chamou grupo escolar.

**Palavras-chave:** Educação anarquista; Pedagogia racionalista; Escola Moderna N°1; João Penteadó.

**Abstract.** *This article analyzes the uses of rationalist pedagogy, elaborated by the anarchist educator Francisco Ferrer y Guardia and his collaborators in the Modern School of Barcelona at the beginning of the 20th century, by the Modern School N° 1, located in the city of São Paulo (Brazil). In addition to its strong anarchist and anticlerical content, rationalist pedagogy was characterized by scientific positivism, defending ideas such as integral education, learning through the senses, coeducation of social and gender classes and childhood hygiene. The execution of Ferrer y Guardia in 1909 unleashed in Brazil, as well as in other parts of the world, a great interest in his pedagogical thinking. From this movement came the Modern School N° 1, directed, for the most part, by the anarchist João Penteadó. The present work aims to understand the process of appropriation of rationalist pedagogy in such an institution, using, for this purpose, school newspapers and written documents produced in the institution directed by Penteadó. The article concludes that, despite the idea that the Modern School N° 1 was a school totally removed from the hegemonic pedagogical thought of the period, those involved in the institution resorted to the cultural resources they had available. In this way, a hybrid pedagogical approach was built in the school, which appropriated both the rationalist pedagogy and the pedagogical model existing in graduate schools, which in Brazil was called school group.*

**Keywords:** *Anarchist education; Rationalist pedagogy; Modern School N° 1; João Penteadó.*

**Resumen.** *El presente artículo analiza los usos de la pedagogía racionalista, elaborada por el educador anarquista Francisco Ferrer y Guardia y sus colaboradores en la Escuela Moderna de Barcelona a principios del siglo XX, por la Escuela Moderna N° 1, ubicada en la ciudad de São Paulo (Brasil). Además de su fuerte contenido anarquista y anticlerical, la pedagogía racionalista se caracterizó por el positivismo científico, defendiendo banderas como la educación integral, el aprendizaje a través de los sentidos, la coeducación de las clases sociales y de género y la higiene de la infancia. La ejecución de Ferrer y Guardia, en 1909, desencadenó en Brasil, así como en otras partes del mundo, un gran interés por su pensamiento pedagógico. De ese movimiento surgió la Escuela Moderna N° 1, dirigida, en la mayor parte del tiempo, por el anarquista João Penteadó. Se busca en el presente trabajo comprender el proceso de apropiación de la pedagogía racionalista en tal*

*institución, utilizando, para tal fin, diarios escolares y documentos escritos producidos en la institución dirigida por Penteadó. Se concluyó que, a pesar de la idea de que la Escuela Moderna Nº 1 era una escuela totalmente aparte del pensamiento pedagógico hegemónico del período, los involucrados en la institución accedieron a los recursos culturales que tenían a disposición. De esta forma, se construyó en la escuela una propuesta pedagógica híbrida, que se apropió tanto de la pedagogía racionalista como del modelo pedagógico existente en las escuelas graduadas, que en Brasil se llamó grupo escolar.*

**Palabras clave:** *Educación anarquista; Pedagogía racionalista; Escuela Moderna Nº 1; João Penteadó.*

## INTRODUÇÃO

O catalão Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) foi um dos principais educadores ligados à pedagogia libertária em nível mundial. Aliado a importantes nomes do movimento anarquista internacional do início do século XX, Ferrer y Guardia desenvolveu na Escola Moderna de Barcelona, ícone da educação libertária fundada por ele em 1901, práticas pedagógicas que inspiraram e inspiram uma quantidade imensurável de educadores pelo globo.

O pensamento de Ferrer y Guardia, materializado nas práticas e discursos produzidos pela Escola Moderna de Barcelona construíram o que chamaremos no presente texto de modelo pedagógico racionalista. Em constante reinvenção por Ferrer y Guardia e seus colaboradores, caracterizou-se principalmente pelos seguintes elementos: educação científica e racional, coeducação social e de gênero, educação integral e higiene da infância. Primeiramente, Ferrer y Guardia acreditava em uma educação pautada nas Ciências Naturais que pudesse, através de explicações racionais, «extrair os falsos valores que a sociedade carrega, sobretudo a convicção de que a injustiça e a desigualdade são normais e incorrigíveis». <sup>1</sup> Dessa forma, aliado ao positivismo científico, o modelo pedagógico da Escola Moderna de Barcelona será caracterizado pela sua orientação antiestatal e anticlerical, bem como a ausência de qualquer forma de castigos físicos ou premiações, características da educação em escolas espanholas do período.

<sup>1</sup> Ramón Safón, *O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Guardia* (São Paulo: Imaginário, 2003), 15.

A visão positivista de Ferrer, especialmente sobre a infância, o levou a apostar em um regime de coeducação, tanto de sexos quanto de classes sociais. Diferente da maior parte das iniciativas educativas anarquistas, direcionadas apenas para a classe trabalhadora, Ferrer y Guardia propôs uma escola de conciliação como forma de unir ricos e pobres. Nesse mesmo sentido, diferente da visão dominante do contexto espanhol, Ferrer y Guardia defendia a importância da coeducação dos sexos, pois assim

A humanidade melhoraria com maior rapidez, seguiria com passo mais firme e constante o movimento ascensor do progresso e centuplicaria seu bemestar, pondo à contribuição do forte sentimento impulsivo da mulher as ideias que a ciência conquista.<sup>2</sup>

Outra questão, historicamente ligada às discussões pedagógicas anarquistas é a educação integral. Pautado principalmente nos escritos dos anarquistas Mikhail Bakunin e Paul Robin, o modelo pedagógico da Escola Moderna de Barcelona defendia uma educação que privilegiasse tanto os aspectos intelectuais da criança, como as dimensões moral e física. Em relação à última, destaca-se a questão da higiene da infância. Em sintonia com o discurso higienista do fim do oitocentos e início do XX, Ferrer y Guardia afirmava que era necessário expor

a limpeza como assunto de beleza e a sujeira como característica da feiura, e entrávamos decididamente no terreno da higiene, apresentando a sujeira como causa de enfermidade, com seu perigo de infecção indefinida até causar epidemias, e a limpeza como agente principal de saúde, e conseguíamos facilmente determinar a vontade das crianças em direção à limpeza e dispor sua inteligência para a compreensão científica da higiene.<sup>3</sup>

Após a morte de Ferrer y Guardia (e, até certo ponto, motivado por ela), executado em 13 de outubro de 1909 pelo governo espanhol sob a falsa acusação de ter orquestrado a Semana Trágica de Barcelona,<sup>4</sup>

---

<sup>2</sup> Francisco Ferrer y Guardia, *A Escola Moderna* (São Paulo: Terra Livre, 2014), 49.

<sup>3</sup> Ferrer y Guardia, *A Escola Moderna*, 49.

<sup>4</sup> Trata-se do conjunto de acontecimentos ocorridos em Barcelona e outras cidades da Catalunha entre 26 de julho e 2 de agosto de 1909, onde houve violentos confrontos entre o exército e a classe operária, apoiada pelos anarquistas, socialistas e republicanos. O estopim do confronto foi o fato do

houve uma grande circulação do modelo pedagógico racionalista pelo mundo, dando origens a diversas escolas modernas inspiradas na instituição barcelonesa. Nos Estados Unidos, por exemplo, surgiram dezenas de instituições nesse sentido, enquanto que no México a proposta da Escola Moderna de Barcelona foi utilizada como modelo de algumas regiões, no contexto da Revolução Mexicana. E, no caso brasileiro, destaca-se a Escola Moderna Nº 1, fundada na cidade de São Paulo e dirigida pelo anarquista autodidata João de Camargo Penteado (1877-1965).

Quando um determinado educador ou grupo de educadores desenvolve uma proposta pedagógica, como é o caso do modelo pedagógico racionalista, geralmente, ele anseia que tal proposta tenha a maior circulação possível, sendo reproduzida em outras instituições. Nesse sentido surgem os modelos pedagógicos, que consistem em conjuntos de «dispositivos de propagação e implantação de “bons moldes” e homogeneização das práticas docentes»,<sup>5</sup> que visam a própria circulação e apropriação. As diversas escolas surgidas desse processo estão longe de ser simples cópias da Escola Moderna de Barcelona. Quando falamos em propagação e implantação, estamos considerando a relação entre o que é prescrito e o que é praticado, de modo que se constitui uma «história cultural dos saberes pedagógicos, interessada na materialidade dos processos de produção, circulação, imposição e apropriação desses saberes». <sup>6</sup> Marta de Carvalho, com base em Michel de Certeau e Roger Chartier, propõe o uso do conceito de apropriação como «*tática* que subverte dispositivos de modelização». <sup>7</sup> Esse processo de apropriação está diretamente relacionado com os «crivos culturais que configuraram as apropriações que [as pessoas] fizeram do que leram, viram, ouviram e viveram, na sua privilegiada itinerância por circuitos culturais estranhos a grande maioria das populações». <sup>8</sup>

---

primeiro-ministro Antonio Maura ter decretado a mobilização de reservistas para reforçar as tropas espanholas na Guerra do Marrocos.

<sup>5</sup> Marta Maria Chagas de Carvalho, «Pedagogia Moderna, Pedagogia Da Escola Nova e Modelo Escolar Paulista», em *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos e Instituições Educacionais*, eds. Marta Maria Chagas de Carvalho e Joaquim Pintassilgo (São Paulo: EdUSP, 2011), 185.

<sup>6</sup> Marta Maria Chagas de Carvalho, *A Escola e a República e Outros Ensaio* (Bragança Paulista: EdUSF, 2003), 272.

<sup>7</sup> Carvalho, *A Escola e a República e Outros Ensaio*, 273.

<sup>8</sup> Carvalho, *A Escola e a República e Outros Ensaio*, 338.

Nesse sentido, o presente artigo visa compreender o processo de apropriação do modelo pedagógico racionalista na Escola Moderna Nº 1 durante sua existência, de 1913 a 1919, com base, principalmente, em documentos produzidos no interior da instituição. Para tanto, iniciaremos com uma breve narrativa histórica que permita imergir um pouco mais no contexto do movimento anarquista pela educação na cidade de São Paulo do início do século XX. Por fim, pautando-se principalmente em periódicos anarquistas e escolares, bem como de fontes documentais ligadas à Escola Moderna Nº 1, será desenvolvida uma reflexão sobre as peculiaridades da apropriação que os envolvidos na Escola Moderna Nº 1 fizeram do modelo pedagógico racionalista.

### JOÃO PENTEADO E A CRIAÇÃO DA ESCOLA MODERNA Nº 1

A construção de escolas com orientação anarquista não era nenhuma novidade nas primeiras décadas do século XX, inclusive no Brasil. Geralmente criadas com uma dupla função, de ensino e propaganda, as primeiras escolas anarquistas foram marcadas pelo imprevisto e pela curta duração. Diferente de grande parte dessas iniciativas, a Escola Moderna Nº 1 destacou-se por uma organização bastante elaborada, iniciada com a criação do chamado Comitê Organizador Pró-Escola Moderna de São Paulo, que era responsável por arrecadar fundos e preparar a estrutura da futura escola. Interessante destacar que, tal como ocorreu na Escola Moderna de Barcelona, o empreendimento da Escola Moderna Nº 1 reuniu apoiadores de fora do círculo restrito de militantes anarquistas, como espíritas e maçons, que contribuíam inclusive financeiramente com a instituição.<sup>9</sup> Em nota do Comitê Pró-Escola Moderna apresentada no jornal *O Estado de São Paulo* em 1909 afirma-se que

Em numerosa reunião de livres-pensadores, realizada anteontem nesta capital, ficou resolvida a fundação de uma Escola Moderna que seguirá o programa da escola fundada em Barcelona por Francisco Ferrer.

Ficou constituído um comitê para tratar de organizar conferências e festas em benefícios da escola, e, desde já contam os

---

<sup>9</sup> Flávio Luizetto, «O Movimento Anarquista Em São Paulo: A Experiência Da Escola Moderna No. 1 (1912-1919)», *Educação e Sociedade* 24 (1986): 18-47.

seus fundadores com valiosos auxílios, entre eles o de um terreno que foi doado a fim de se fazer dele um sorteio em benefício da escola.<sup>10</sup>

Um dos principais periódicos envolvidos nesse movimento, inclusive tendo publicado o Estatuto da Liga Internacional pela Educação Racional da Infância, foi o anticlerical *A Lanterna*, que na época era dirigida pelo anarquista Edgard Leuenroth. A edição de 30 de outubro de 1909 é aberta com um artigo de capa, assinado por Leão Aymoré, um dos membros do Comitê Pró-Escola Moderna, denunciando a injustiça sofrida por Ferrer y Guardia, bem como o envolvimento da Igreja Católica em sua condenação. Também é nessa edição que se encontra a primeira menção ao comitê:

Escola Racionalista – Sabemos que se cogita da fundação, em S. Paulo, de uma escola nos moldes da que Ferrer mantinha em Barcelona. Para tal fim já se estão fazendo donativos, tendo sido a dias ofertado um esplêndido terreno não longe da capital.

É de crer que em breve o comitê encarregado de angariar donativos e promover a fundação da escola principie a agir no sentido de realizar tão formosa ideia.<sup>11</sup>

Na edição de 27 de novembro do mesmo ano, o texto de capa do periódico foi dedicado apenas à questão da organização do movimento escolamodernista na cidade. Um ponto de destaque é que no texto inteiro não há menção alguma ao caráter libertário de Ferrer y Guardia ou do próprio comitê. Um trecho bastante importante da edição é aquele onde são expostos os objetivos do comitê:

A fim de alcançar traçado ao comitê pela assembleia que o elegeu pode ser compendiado nos seguintes parágrafos:

1.º - Instalação de uma casa editora de livros escolares e obras destinadas ao ensino e a educação racionalista e que, conforme o caso, serão cedidas gratuitamente ou a preço reduzido.

<sup>10</sup> *O Estado de São Paulo*, 19 de dezembro de 1919, 6.

<sup>11</sup> *A Lanterna*, 30 de outubro de 1909, 4.

2.º - Aquisição de um prédio para implantar na cidade de S. Paulo o núcleo modelo da Escola Moderna.

3.º - Procurar professores idôneos para dirigir a dita Escola.

4.º - Auxiliar aquelas que no interior do Estado poderão surgir baseadas sobre as normas do ensino racionalista, normas que passamos a estabelecer.<sup>12</sup>

Apesar da defesa da liberdade, o comitê é muito pontual em se auto proclamar autoridade na organização das escolas racionalistas, sob normas que passariam a estabelecer. A utilização de uma escola modelo, por sua vez, já era uma prática comum durante o período em diversos estados brasileiros. Tais instituições serviam como dispositivos de normalização e uniformização de práticas pedagógicas, bastante usados pelo movimento da pedagogia moderna. Aparentemente os integrantes do movimento escolamodernista paulista se apropriaram de tal prática e desejavam, da mesma forma, criar uma escola modelo própria, que serviria para uniformizar as escolas pautadas na pedagogia racionalista. Diferentemente de parte das pesquisas sobre o movimento escolamodernista paulista, que colocam a Escola Moderna Nº 1 como uma antítese da escola pública do período, acreditamos que é possível identificar um processo de apropriação em que os defensores da pedagogia racionalista souberam utilizar práticas vigentes nas escolas primárias públicas, como o caso do uso de escolas modelo.

Retornando à questão do Comitê Pró-Escola Moderna, outro ponto a ser destacado no trecho d' *A Lanterna* citado anteriormente, há a questão do professor idôneo para direção da escola modelo. No dia 13 de outubro de 1911 foram realizadas diversas manifestações por conta do segundo aniversário da morte de Ferrer y Guardia. Na edição do dia 21 de outubro de 1911, foram descritas as manifestações ocorridas em São Paulo. De acordo com o exposto no periódico,

Subiu à improvisada tribuna o amigo João Penteado que, em vibrantes palavras, estigmatizou a tirania da reação clérigo-monárquica espanhola, fazendo a apologia da obra de educação racional de Ferrer.

---

<sup>12</sup> *A Lanterna*, 27 de novembro de 1909, 1.



João Penteado falou por um bom espaço de tempo demonstrando a monstruosidade do crime que sacrificou Ferrer. Todos os seus admiradores devem como a melhor homenagem ao grande mártir, continuar a sua obra, disse, terminando por entre aplausos o seu discurso.<sup>13</sup>

João Penteado era um militante anarquista e espírita, de formação autodidata. Nasceu na cidade de Jaú, localizada na região central do estado de São Paulo onde, já na primeira década do século XX, frequentava o Centro Operário de Jaú. Partindo do trabalho de tipógrafo, atuou também como redator no periódico de classe *O Operário*. Paralelamente, João Penteado teve contato com o pensamento anarquista, especialmente o anarcocomunismo e o anarquismo cristão, ligado à León Tolstoi.

Após um intenso trabalho do Comitê Pró-Escola Moderna na arrecadação de fundos, a Escola Moderna Nº 1 foi inaugurada no dia 13 de maio de 1913, tendo João Penteado como diretor durante quase toda sua existência. Grande parte da produção acadêmica sobre a temática identifica a data de 13 de maio de 1912 como o dia de fundação da instituição, inicialmente com o nome de Escola Livre. Porém, é importante destacar que não há nenhuma menção sobre a suposta inauguração da escola no periódico *A Lanterna* do período, o que seria improvável, considerando o esforço despendido pelo periódico para tal realização. Paralelamente a isso, o periódico, no ano de 1912, demonstra em diversos textos que João Penteado estava imerso em um processo de propaganda anticlerical pelo estado, de modo que não seria possível se estivesse no cargo de diretor de uma escola tão visada pelo movimento operário.

Na edição do dia 31 de maio de 1913, por outro lado, o seguinte texto é apresentado na segunda página:

Escola Livre

Sob essa denominação vem de ser fundada nesta capital uma escola dirigida pelo nosso companheiro João Penteado.

<sup>13</sup> *A Lanterna*, 13 de outubro de 1911, 2.

Sentimo-nos satisfeitos transmitindo aos leitores da Lanterna esta notícia. Realmente não pode deixar de ser motivo de satisfação para todos os que lutam pela emancipação humana a instalação de uma escola do caráter da Escola Livre.

Não é por certo uma escola que possa competir na imponência dos prédios e no conforto da instalação com grandes instituições religiosas ou do Estado.

Infelizmente assim não é. A escola do amigo Penteado é modesta, muito modesta mesmo. Está instalada numa pequena sala e a sua instalação é pobre [...].<sup>14</sup>

O ponto principal do trecho acima que precisa ser destacado é o fato de que o texto não faz menção alguma ao Comitê Pró-Escola Moderna, ligando a instituição unicamente à figura de João Penteado. Já na edição d'*A Lanterna* do dia 19 de julho do mesmo ano, a seguinte nota é apresentada:

Escola Livre

Para meninos e meninas à rua Cotegipe, 26 – S. Paulo (Belenzinho).

Instituto de educação e instrução segundo o método racionalista mantido pela associação Escola Moderna de S. Paulo

As suas aulas tanto diurnas como noturnas já estão funcionando com regular frequência de alunos e a inscrição para a matrícula se acha aberta, mediante a contribuição mensal de 3\$ para as aulas diurnas e 4\$ para as noturnas.

O fornecimento de livros e materiais é feito gratuitamente aos alunos da escola a fim de facilitar aos operários a educação e instrução de seus filhos segundo o método racionalista.

Horário das aulas:

De dia: das 11 às 3 ½ da tarde.

---

<sup>14</sup> *A Lanterna*, 31 de maio de 1913, 2.

De noite: das 7 às 9 horas.

O programa com que foram iniciados seus trabalhos consta de português, aritmética, geografia, história do Brasil e princípios de ciências naturais.

O seu programa, todavia, como está determinado, será ampliado de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação que o ensino racionalista for merecendo da parte dos homens livres da capital e do interior do Estado.

O diretor,

Prof. João Penteado.<sup>15</sup>

Pouco mais de dois meses após sua inauguração, a Escola Livre é ligada à Associação Escola Moderna de S. Paulo, um desdobramento do Comitê Pró-Escola Moderna. Tal anúncio é reproduzido algumas vezes n' *A Lanterna*. Dando continuidade à narrativa, a edição do dia 11 de outubro apresenta o seguinte texto:

#### ESCOLA MODERNA N. 1

Esta escola, patrocinada pelo Comitê da Escola Moderna, acaba de transferir a sua sede para um prédio mais espaçoso, onde está bastante melhor instalada, permitindo agora a inscrição de um maior número de alunos [...].

A escola está instalada na rua Saldanha Marinho, 58, Belenzinho.<sup>16</sup>

Ou seja, a instituição dirigida por Penteado passou a receber o nome de Escola Moderna Nº 1, e não mais Escola Livre, indicando a intencionalidade de uma expansão de escolas pautadas na proposta da Escola Moderna de Barcelona.<sup>17</sup> Com base nesses documentos, é possível inferir que o Comitê Pró-Escola Moderna, como apresentado anteriormente,

---

<sup>15</sup> *A Lanterna*, 19 de julho de 1913, 4.

<sup>16</sup> *A Lanterna*, 11 de outubro de 1913, 3.

<sup>17</sup> Alguns meses depois da fundação da Escola Moderna Nº 1, foi inaugurada a Escola Moderna Nº 2, em São Paulo, coordenada pelo anarquista português Adelino de Pinho. Posteriormente, estabeleceu-se na cidade de São Caetano do Sul a Escola Moderna Nº 3.

desejava que a primeira instituição por ele criada fosse a referência do modelo pedagógico racionalista. Porém, a falta de recursos não permitiu a fundação de uma instituição imponente, como se desejava, e iniciar o trabalho sem a estrutura ideal seria um risco muito grande: se o modelo falhasse, o movimento como um todo seria prejudicado. Assim, a estratégia utilizada pelo Comitê Pró-Escola Moderna foi inaugurar apocrifamente a Escola Livre, sob a direção de João Penteado, em 13 de maio de 1913. Se a experiência falhasse e a escola fechasse as portas, o peso do fracasso cairia unicamente sobre Penteado. Se fosse bem-sucedida, como ocorreu, o comitê assumiria a autoria da instituição, inclusive em relação ao nome. O Comitê Pró-Escola Moderna, por sua vez, passou a se chamar Comitê *da* Escola Moderna, visto que o pró perdeu o sentido no momento em que o objetivo inicial foi atingido.

Porém, um ponto ainda está obscuro. A partir de algum momento, a própria escola passou a considerar 1912 como ano de fundação da instituição, colocando essa data em seus periódicos, de modo que, talvez, esse tenha sido o motivo do possível equívoco da historiografia sobre a data. É difícil precisar o motivo de tal mudança. Possivelmente, houve intencionalidade no sentido de tentar ampliar o tempo de existência da instituição, talvez para transmitir uma imagem de maior credibilidade. De todo modo, a partir de então o ano de 1912 se cristalizou como o ano de fundação da escola.

A Escola Moderna Nº 1, durante sua existência, teve de lidar com diversas situações de crise financeira. De acordo com o periódico *O Início*<sup>18</sup> (1915), que será tratado adiante, cobrava mensalidades de 3\$000, 4\$000 e 8\$000 para principiantes, adiantados e adultos, respectivamente. Além dos recursos adquiridos com as mensalidades, eram comuns as chamadas listas de subscrição em que simpatizantes da ideia contribuíam financeiramente, bem como as festas escolares.

De modo geral, o ensino no estado de São Paulo foi pouco regulamentado pelo poder público até o início do século XX. Uma primeira mudança, nesse sentido, foi a promulgação da Lei Estadual nº 1.579, de 19 de dezembro de 1917, primeira regulamentação paulista sobre a educação em instituições particulares no período republicano. Surgida no

<sup>18</sup> *O Início*, 4 de setembro de 1915.

recente movimento de nacionalização, em boa medida como fruto da 1ª Guerra Mundial, um de seus artigos é dedicado ao caso específico das escolas particulares:

Artigo 30. - Nenhum estabelecimento particular de ensino primário ou secundário poderá ser instalado no Estado sem prévia autorização da Diretoria Geral da Instrução Pública, que somente poderá concedê-la mediante requerimento a que o interessado juntar os seguintes documentos:

I. - Atestado ou títulos que provem a capacidade moral e técnica do diretor e dos professores;

II. - Planta do prédio em que haja de funcionar a escola, instruída com relatório do inspetor médico escolar sobre as condições higiênico-pedagógicas do mesmo;

III. - Compromisso de confiar a professores brasileiros o ensino de Português, Geografia e História do Brasil, bem como de fazer que todo o ensino, salvo em se tratando de línguas estrangeiras, seja ministrado em idioma pátrio.<sup>19</sup>

De todo modo, a mudança na legislação não foi o maior empecilho no funcionamento das escolas modernas no estado durante certo tempo. Porém, o período que seguiu à Greve Geral de 1917, em São Paulo, foi marcado pela repressão aos movimentos de esquerda, especialmente anarquistas. Nesse contexto agitado, um fato marcou o fim das escolas modernas em São Paulo: em outubro de 1919 ocorreu uma explosão de bomba que vitimou, junto a três anarquistas, o diretor da Escola Moderna Nº 3. em São Caetano do Sul. Assim, a pólvora foi o pretexto para o fechamento de escolas modernas, executado por Oscar Thompson, Diretor de Instrução Pública do Estado de São Paulo, com base na Lei Estadual nº 1.579, de 19 de dezembro de 1917.

Após o fechamento da escola, João Penteado tentou, sem sucesso, entrar com um pedido de *habeas corpus* pela sua reabertura. Posteriormente, João Penteado abriu, no mesmo lugar, a Escola Nova (1920-1923), cujo nome

<sup>19</sup> Lei nº 1579, de 19 de dezembro de 1917. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, 5857.

mudaria para Academia de Comércio Saldanha Marinho (1924-1943), Escola Técnica de Comércio Saldanha Marinho (1944-1947) e por fim Ginásio e Escola Técnica Saldanha Marinho (1948-1960). Apesar de continuar atuando na direção, as demais instituições não permaneceram ligadas tão diretamente ao modelo pedagógico racionalista. João Penteadado faleceu poucos anos depois de se desligar do cargo de diretor, em 5 de dezembro de 1965.

## A ESCOLA MODERNA Nº1 E O MODELO PEDAGÓGICO RACIONALISTA

Para entendermos melhor o processo de apropriação do modelo pedagógico racionalista na Escola Moderna Nº 1, é importante delinear parte das referências às quais obras sobre a pedagogia racionalista João Penteadado teve acesso. Da mesma forma, é fundamental identificar outras leituras que podem ser utilizadas para entender os crivos pelos quais o modelo pedagógico barcelonês foi apropriado. Uma pista é o próprio periódico *A Lanterna*, em que a presença de Francisco Ferrer y Guardia era constante. O próprio ressurgimento do periódico (originalmente, ele havia sido publicado entre 1901 e 1904), sob orientação de Edgard Leuenroth, parece ter relação direta com a questão, visto que o recente fuzilamento de Ferrer y Guardia foi o tema central da publicação da primeira edição em 17 de outubro de 1909.

Outro recurso que pode ser utilizado para entender melhor a leitura que João Penteadado fez de Ferrer y Guardia é sua produção textual. Um deles, já no auge da existência da Escola Moderna Nº 1, é o texto «As escolas e sua influência social», publicado no periódico *A Vida*. Nele, são tecidas críticas às escolas oficiais, destacando que elas são «casernas em perspectiva».<sup>20</sup> Publicado em plena Primeira Guerra Mundial, o autor relaciona o conflito ao patriotismo construído nas escolas. Mesmo sendo um periódico declaradamente anarquista, João Penteadado não utiliza termos ligados ao anarquismo em nenhum momento, se limitando ao uso de «reformadores sociais». Possivelmente pela estratégia de apagamento do teor libertário da escola, usada para atrair mais possíveis apoiadores.

---

<sup>20</sup> João Penteadado, «As escolas e sua influência social: O ensino oficial e o ensino racionalista», *A Vida*, 31 de dezembro de 1918, 9.

Uma das principais fontes que temos disponíveis para compreender melhor as práticas pedagógicas vigentes no interior da Escola Moderna Nº 1 são os periódicos produzidos pela instituição. Seguindo a proposta de Ferrer y Guardia, a instituição manteve a prática de publicar periódicos que tinham função tanto pedagógica quanto de divulgação do pensamento racionalista. Como vimos anteriormente, não já era uma estratégia utilizada pelas mais diversas instituições, como as instituições de livres pensadores e a escola A Colmeia de Sébastien Faure.

No caso da Escola Moderna Nº 1 houve sete números, três sob o título de *O Início* e quatro denominados *Boletim da Escola Moderna*.<sup>21</sup> A grande diferença entre as duas publicações é que *O Início* possuía uma ênfase maior na produção dos alunos, sendo, inclusive, dirigido por eles, como o caso de produções textuais, além de informações da instituição, como anúncios de eventos e prestações de conta. Já o *Boletim da Escola Moderna* possuía um teor explicitamente militante. De tiragem modesta (o segundo número do periódico indica 500 exemplares), apresentavam textos sobre a pedagogia racionalista, além de produções de anarquistas, como Adelino de Pinho e o próprio João Penteado.

Uma das informações sobre a Escola Moderna Nº 1 que podemos extrair dos documentos é a sua organização curricular. De modo geral, a instituição operou com um curso primário de três anos, em período diurno e noturno, além de cursos específicos como os de datilografia, português, aritmética, preparatório para artífices e música. Podemos identificar a primazia da cultura escrita em sua organização curricular, de modo que a produção textual dos alunos é bastante frequente nos dois números d'*O Início* analisados, principalmente na forma de exercícios epistolares e de descrição. Em relação aos exercícios epistolares, tratam-se de correspondências imaginárias entre alunos, como o que se segue, de autoria de Emilio Galante<sup>22</sup>:

---

<sup>21</sup> A única edição que não foi localizada foi a primeira edição d'*O Início*. Cada publicação tinha quatro páginas. Por algum motivo não identificado, os dois números finais do *Boletim da Escola Moderna* foram publicadas de uma vez só, contendo oito páginas.

<sup>22</sup> *O Início*, 19 de agosto de 1916, 3.

São Paulo, 12 de agosto de 1916.

Meu amigo Silvio Bortolo Santos

Saudações

Quinta feira, quando fui visita-lo, deixei ficar, por esquecimento, encostado a cadeira, onde me sentei, o meu guarda-chuva. Ele é novo, de pano de seda preta, com cabo prateado, tendo um castão dourado.

Peço-lhe o favor de m'ó guardar até eu ir busca-lo.

Sou seu amigo

EMILIO GALANTE (12 anos)

A maior parte dos exercícios epistolares seguem o mesmo padrão, em que duas pessoas se comunicam por conta de objetos esquecidos, ou que deveriam ser enviados. Porém, alguns deles possuem um teor mais politizado, como o caso dos seguintes textos, que fazem menção à Primeira Guerra Mundial:

O meu desejo é, em primeiro lugar, acabar com esses governadores, imperadores, reis, e finalmente com os burgueses de todas as classes que são os causadores desta monstruosa catástrofe, na qual tantas pessoas inocentes morrem [...].

E está é a minha opinião.

Recebi a tua carta pela qual me pedias que eu te desse a minha opinião dizendo se agiria bem ou mal indo pra guerra. Meu amigo, o que te digo é para não ires, porque tu tens a tua família, na qual deves pensar, e não na pátria, que não te dá o que comer se tu não trabalhares. [...]

E por isso penso que tu não deves ir. Assim nós poderemos nos divertir e viver porque a pátria não interessa nada a nós.<sup>23</sup>

Os dois autores dos textos acima, os alunos João Bonilha e Luis Cardoso, de 16 e 19 anos, respectivamente, faziam parte do curso noturno

---

<sup>23</sup> *O Início*, 19 de agosto de 1916, 3.



da escola. Apesar do teor antimilitarista e classista de parte dos textos contidos no periódico *O Início*, é importante destacar que não há uso das palavras anarquia ou anarquismo. Por outro lado, é frequente a utilização de frases de autores anarquistas como Tolstói e Réclus.

Os exercícios de descrição eram práticas diretamente ligadas à chamada pedagogia moderna, cuja pedra angular era o método intuitivo. Tal como na Escola Moderna de Barcelona, esse era o método pedagógico predominante na Escola Moderna. Também chamado de lição de coisas, o método pautado na obra do pedagogo suíço Johann Heinrich Pestalozzi tinha como principal paradigma a máxima de que a educação se dá através do empírico, onde

a observação direta, ao ver, sentir e tocar, é pois alicerçada no pressuposto de que o conhecimento tem início na operação de sentidos sobre o mundo exterior, a partir dos quais seriam produzidas sensações e percepções sobre fatos e objetos, transformadas em matéria prima das ideias, as quais, acrescidas da imaginação e do raciocínio, possibilitariam o desenvolvimento da capacidade de julgamento e de discernimento.<sup>24</sup>

Para atingir o objetivo da educação através dos sentidos, as condições das salas de aula passam a ser observadas, surgindo a preocupação com a iluminação, os estímulos visuais na forma de globos, cartazes didáticos, mapas, coleções de insetos, imagens de homens ilustres, os chamados quadros intuitivos utilizados nas aulas de Ciências Naturais, esqueletos humanos, etc, bem como a ênfase no quadro-negro para convergir a atenção dos alunos.

No contexto brasileiro, por sua vez, o método intuitivo começou a aparecer nas propostas de reformulação da instrução pública no final do Império, com as traduções dos relatórios realizados pelo pedagogo francês Celestin Hippeau sobre a instrução pública nos Estados Unidos (1871) e na Inglaterra (1872), bem como os pareceres de Ruy Barbosa sobre a Reforma do Ensino (1872) e sua tradução da obra *Primeiras lições de coisas* de Norman Calkins (1876). Paralelamente, diversas escolas privadas adotaram o método intuitivo na província de São Paulo

<sup>24</sup> Gladys Mary Ghizoni Teive, «Uma Vez Normalista, Sempre Normalista»: *Cultura Escolar e Produção de Um Habitus Pedagógico* (Florianópolis: Insular, 2008), 78.

durante a década de 1870 e 1880, como é o caso da Escola Americana Presbiteriana de São Paulo, fundada em 1871.

No caso específico de São Paulo, ele foi inserido na reforma da instrução pública de 1892. Uma atividade característica do método intuitivo que pode ser identificada nas edições d'*O Início* são os exercícios de descrição. No livro *Primeiras lições de coisas*, Calkins explica o procedimento:

#### EXERCICIOS PARA EDUCAR A VISTA

Cultiva-se a vista, distinguindo as formas dos objetos, seu tamanho, extensão, largura, cor, etc. Qualquer traço que leve o menino a comparar as formas, os volumes, o comprimento, a largura, as cores, contribuirá para a educação deste sentido.

Visão rápida. Faça-se passar a criança por um aposento, pedindo-lhe depois que exponha o que ali viu. Reitere-se o exercício, induzindo-a de novo a referir as demais coisas que de cada vez for percebendo.

Pare-se com ela diante do mostrador de uma loja, por um minuto, solicitando-a depois a descrever o que observou.<sup>25</sup>

Além dos exercícios descritivos relacionados a paisagens, também há aqueles direcionados à objetos ou seres. Tais exercícios, chamados de composições descritivas, aparecem no 3º número d'*O Início*:

#### O CAVALO

O cavalo é um animal porque é um ser vivo, sensível a dor e ao prazer, que se move por si em busca do próprio alimento; é vertebrado porque mama em pequeno; é herbívoro porque se alimenta de erva; é paquiderme, porque é herbívoro, tem ossos, estomago simples, pele espessa e não rumina; é doméstico e útil, porque se deixa amansar pelos homens, a quem ajuda no serviço do campo de viação.

São Paulo, 2 de agosto de 1916

EDMUNDO MAZZONE<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> Norman Allison Calkins, *Primeiras Lições de Coisas* (Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1886), 15.

<sup>26</sup> *O Início*, 19 de agosto de 1916, 4.

Neles, os alunos deveriam relatar o que conseguiam perceber pelos sentidos. Um exemplo é o relato de Edmundo Scala:

Estou vendo sobre uma caixa, uma tesoura, uma navalha, um livro chamado História do Brasil, um livro chamado Dicionário do Brasil, uma pedra, uma aritmética, uma faca, uma pedra de mármore, uma tampa de tinteiro, uma garrafa, uma caixinha de penas, um apagador, uma Geografia da Infância, um saca-rolhas, o jornal «A Voz dos Trabalhadores», duas folhinhas, um quadro negro, cinco mapas, um globo terrestre, um quadro com retrato de Francisco Ferrer, um armário, uma mala, dois papelões e uma ata vazia.<sup>27</sup>

Importante ressaltar que a maioria dos impressos relacionados ao modelo pedagógico racionalista, não continham orientações práticas a serem utilizadas no cotidiano. A despeito da grande carga político-ideológica desses escritos, pouco tratam de detalhes ligadas aos processos de ensino-aprendizagem em si. Desse modo, podemos deduzir que a sincronia das práticas vigentes dentro da Escola Moderna Nº 1 e o que acontecia nas escolas modelares paulistas demonstra que, de alguma forma, Penteadó e os demais envolvidos na instituição estavam inteirados das discussões consideradas mais avançadas do período.

Outra prática educativa fruto da apropriação do modelo escolar racionalista consiste nas já mencionadas atividades extraescolares, especialmente as excursões escolares, parte integrante do método intuitivo. De modo geral, tais excursões tem uma ligação direta com o próprio método intuitivo, surgindo como

[...] uma forma de «higienizar» o cérebro das crianças e como um complemento das lições de coisas, constituindo-se, portanto, um modo intuitivo de ensinar e aprender. Seja na forma de passeios ou de viagens mais longas, as excursões eram entendidas como lições de coisas fora da escola, ao ar livre, em meio à realidade viva, para a qual, segundo os postulados da pedagogia moderna, as crianças deveriam ser preparadas.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> *O Início*, 4 de setembro de 1915, 2.

<sup>28</sup> Teive, «*Uma vez normalista, sempre normalista*», 61.

No caso da Escola Moderna Nº 1, as excursões relatadas nos documentos analisados correspondem apenas a passeios relativamente curtos, sendo que muitos deles envolviam, inclusive, os alunos da Escola Moderna Nº 2. Em um dos relatos de uma excursão realizada ao rio Tietê, Edmundo Mazzoni descreve na segunda edição do jornal *O Início*:

Lá o nosso professor nos explicou que os troncos da taquara se chamam rizoma e que esses troncos caminham debaixo da terra. Ao chegarmos ao rio Tietê vimos barcas dentro e fora do rio. Um menino estava nadando vestido de calças no meio do rio [...] Na ida vimos um cavalo morto e o Miniere botou flores em cima dele. O professor disse que o Miniere fez bem de botar flores em cima do cavalo morto [...].<sup>29</sup>

Interessante destacar que as intervenções do professor, segundo esse curto relato, ocorrem em resposta às ações dos alunos, de acordo com os preceitos do método intuitivo. De qualquer maneira, é visível a primazia da cultura escrita nas práticas pedagógicas presentes na instituição, de modo que podemos relativizar a influência de Tolstói, ferrenho inimigo dos livros escolares para crianças de até certa idade.

Ainda em relação ao currículo, é importante ressaltar que, a despeito do princípio de coeducação defendido por Ferrer y Guardia, a Escola Moderna Nº 1 oferecia aulas separadas, de acordo com o sexo. O periódico anarquista *A Plebe* anunciava que seriam oferecidas aulas de trabalhos manuais como bordado e costura,<sup>30</sup> especialmente para o público feminino. Apesar da coeducação dos sexos partir do pressuposto de que homens e mulheres devem receber a mesma educação, a Escola Moderna Nº 1 não aderiu a esse princípio de forma integral. O jornal *O Início* (1915) também expõe o fato de que as aulas noturnas tinham seções masculinas e femininas. Em relação ao número de alunos, destaca-se a superioridade de meninos em relação às meninas em todos os anos letivos. A título de exemplo, em 1913, dos 48 alunos da Escola Moderna Nº 1, apenas seis eram do sexo feminino.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> *O Início*, 4 de setembro de 1915, 2.

<sup>30</sup> *A Plebe*, 9 de junho de 1917.

<sup>31</sup> *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo de 1917*, São Paulo, 1917, 520-521.

Em relação à coeducação social, pela qual Ferrer y Guardia defendia a importância do contato entre crianças ricas e pobres, apesar de parte dos alunos da escola serem filhos de membros da classe operária propriamente dita, havia também filhos de pequenos negociantes como donos de armazéns, barbeiros e alfaiates. Diferente da prática da Escola Moderna de Barcelona, onde a mensalidade aplicada estava relacionada às condições financeiras, a Escola Moderna Nº 1 aplicava um preço padrão.

As escolas primárias paulistas durante a Primeira República obedeceram, grosso modo, a dois modelos de organização distintos: as escolas unitárias, cujo ensino era ministrado por um único professor, para alunos de diferentes níveis de aprendizado, em uma mesma sala, e as escolas graduadas, onde existem várias salas de aula com vários professores, e com alunos classificados de acordo com o nível de aprendizado. De acordo com os dados presentes nos jornais da instituição, desde 1915, quando se mudou para a Rua Celso Garcia, ela deveria funcionar de acordo com o modelo graduado, abrangendo três séries distintas de aprendizado (primeiro, segundo e terceiro ano). Porém, não foi possível, com base nas fontes, entender de fato se a dinâmica da escola correspondia ao de uma escola graduada regular. Um dado que coloca em xeque tal organização é a quantidade de professores. De acordo com dados oficiais,<sup>32</sup> em 1913, existiam apenas três professores na instituição: João Penteado, sua irmã Sebastiana Penteado e uma terceira professora não identificada. Já em 1917 foi registrada a presença de apenas 2 professores (provavelmente, os irmãos Penteado) e 74 alunos, sendo que destes, 60 eram do período diurno.<sup>33</sup>

Dada a impossibilidade de três ou dois professores estarem em quatro salas diferentes, considerando que os documentos indicam a existência de 3 séries, sendo uma composta de duas turmas, não era possível que cada professor ficasse unicamente em uma sala. Uma possibilidade é que a dinâmica funcionasse próxima das chamadas escolas reunidas, que existiam no período. As escolas reunidas, que existiam em São Paulo desde a década de 1890, funcionavam como um modelo intermediário entre a escola multisseriada unidocente e a escola graduada pluridocente.

<sup>32</sup> *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo de 1913*, São Paulo, 1913, 520-521.

<sup>33</sup> *Anuario do Ensino do Estado de São Paulo de 1917*, São Paulo, 1917, 316-317.

De acordo com Rosa Fátima de Souza, «Algumas delas funcionavam como escola graduada nos moldes dos grupos escolares, mantendo, no entanto uma organização administrativa mais simplificada».<sup>34</sup>

O advento do regime republicano trouxe consigo o ideal de que a nação seria erguida através da educação. Nesse sentido, um tipo de escola correspondeu ao ideal republicano: os chamados grupos escolares, implantados primeiramente em São Paulo e no Rio de Janeiro. Tais escolas visavam se opor às escolas do período imperial, caracterizadas pela carência de recursos e pela prática da unidocência, ou seja, apenas um professor atendendo a alunos de diferentes níveis. Uma das características dos grupos escolares era a preocupação com a edificação, que deveria ser imponente e higiênica, possuindo bibliotecas e museus escolares. De acordo com Marcus Levy Bencostta,

Em regra geral, a localização dos edifícios escolares deveria funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tronassem visíveis, enquanto signos de um ideal republicano, uma gramática arquitetônica que enaltecia o novo regime.<sup>35</sup>

Em relação ao funcionamento dos grupos escolares, destaca-se a organização seriada, onde o programa era dividido em quatro anos, a ênfase no civismo e na moral, e o método de ensino intuitivo. Também destaca-se que o surgimento da figura do diretor escolar está ligado aos primeiros grupos escolares, assim como o fato de que os conteúdos prescritos passaram a ser categorizados como matérias. Nesse aspecto, é interessante repetir um trecho do primeiro anúncio da escola de Penteado, presente no periódico *A Lanterna*,

Não é por certo uma escola que possa competir na imponência dos prédios e no conforto da instalação com grandes instituições religiosas ou do Estado.

<sup>34</sup> Rosa Fátima de Souza, «As Escolas Públicas Paulistas Na Primeira República: Subsídios Para a História Comparada Da Escola Primária No Brasil», em *Escola Primária Na Primeira República (1889 - 1930): Subsídios Para Uma História Comparada*, eds. José Carlos Souza Araújo, Rosa Fátima de Souza e Rubia-Mar Nunes Pinto (Araraquara: Junqueira&Marin, 2012), 46.

<sup>35</sup> Marcus Levy Bencostta, «Grupos Escolares No Brasil: Um Novo Modelo de Escola Primária», em *Histórias e Memórias Da Educação No Brasil. Vol III - Século XX*, eds. Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos (Petrópolis: Vozes, 2005), 70.

Infelizmente assim não é. A escola do amigo Penteado é modesta, muito modesta mesmo. Está instalada numa pequena sala e a sua instalação é pobre.<sup>36</sup>

Primeiramente, é necessário ressaltar que tal anúncio se refere ao primeiro edifício onde a escola se instalou, de modo que, nesse momento, só havia uma sala. De toda forma, a imponência dos grupos escolares parece ter exercido uma influência sobre o imaginário dos envolvidos no movimento escolamodernista paulista.

Conforme a ideia da escola seriada, a progressão de ano na Escola Moderna Nº 1 dependia de o aluno atingir certo nível de conhecimento. Se compararmos os boletins da Escola Moderna entre os anos de 1918 e 1919, poderemos perceber que a taxa de reprovação, transferência e desistência eram significativas. Dos 30 alunos que em 1918 cursavam o primeiro ano, apenas quatro deles aparecem matriculados no segundo ano em 1919. Em relação aos 26 restantes, 14 não são citados no documento, de modo que nos leva a crer que, ou evadiram (o que é mais provável, considerando o contexto social das crianças atendidas pela escola e as altas taxas de abandono escolar do período), ou foram transferidos para outra instituição. Por fim, os 12 restantes aparecem novamente no primeiro ano, no *Boletim da Escola Moderna* de 1919,<sup>37</sup> ou seja, foram reprovados. Em relação ao segundo ano, nenhum dos quatro que cursava tal série em 1918 foi matriculado no terceiro em 1919, sendo que apenas um deles não continuou na escola.

Um caso bastante curioso identificado nos periódicos da escola é o da família Minieri. Na segunda edição d'*O Início* (1915), dois alunos aparecem com esse sobrenome: Victor e Lourenço. Tais alunos desaparecem no terceiro número do periódico, reaparecendo na primeira edição do *Boletim da Escola Moderna*,<sup>38</sup> acompanhados de três possíveis familiares: Victor Minieri Primo, Gabriel Minieri e Amelia Minieri, permanecendo até a próxima edição. Uma questão chama a atenção nesse caso: entre os anos de 1918 e 1919, apenas Victor

<sup>36</sup> *A Lanterna*, 31 de maio de 1913, 3.

<sup>37</sup> *Boletim Da Escola Moderna*, 13 de março de 1919.

<sup>38</sup> *Boletim Da Escola Moderna*, 13 de outubro de 1918.

Minieri Primo avançou para a série seguinte. Todos os demais continuaram no primeiro ano. Além disso, os casos de Victor e Lourenço são mais significativos: num intervalo de tempo de quatro anos, eles permaneceram no primeiro ano. Com base no exposto, não temos como identificar necessariamente o motivo das reprovações. Em todo o caso, o dado importante é que a classificação de alunos, combatida por parte dos pedagogos anarquistas, estava presente na Escola Moderna N° 1.

De acordo com os documentos consultados, a Escola Moderna N° 1 teve, durante sua existência, sérias dificuldades financeiras. Nesse sentido, diversos eventos eram realizados pela escola para conseguir recursos. Também era solicitado auxílio junto a sindicatos, lojas maçônicas e até mesmo apoio do governo paulista. De modo geral, a questão da festa já era marcante no movimento anarquista paulista. As chamadas festas de propaganda eram realizadas geralmente em salões ou espaços ligados ao movimento operário (como a própria escola), e tinha um viés doutrinário. Envolvia venda de comida, rifas, bailes, bem como a declamação de poesias e leitura de textos de viés libertário.

As festas escolares, por sua vez, costumam entrelaçar o lúdico, o ideológico e o pedagógico, de modo que é possível concordar com Marcus Levy Bencostta ao não recusar

[...] o caráter de partícipes do processo de escolarização; ao contrário, reconheço que, mesmo que elas possuem papéis diferenciado em frente à necessidade instrucional na transmissão e construção do conhecimento escolar, compõem o processo de formação educacional dos alunos.<sup>39</sup>

Podemos observar como tal questão se materializava na Escola Moderna N° 1 através das descrições sobre as festas apresentadas em várias edições do *Boletim da Escola Moderna*, como a que seguinte:

---

<sup>39</sup> Marcus Levy Bencostta, «História Da Educação e Cultura Escolar: Representações e Imagens Das Festas Escolares», em *Histórias Das Culturas Escolares No Brasil*, eds. Diana Gonçalves Vidal e Cleonara Maria Schwartz (Vitória: Edufes, 2010), 251.



## FESTAS E COMEMORAÇÕES

13 de outubro

Realizou-se a 13 de outubro próximo findo, em nossa sede, uma bela comemoração à data histórica que relembra a morte de Francisco Ferrer y Guardia, vítima da reação clérigo-monárquica, na Espanha.

A concorrência foi bastante numerosa e o programa, que foi bem executado, agradeu a todos.

Além de cantos de hinos e recitações de poesias, em que tomaram parte as senhoritas Rosa, Joanna e Catharina Musitano, João Bonilha e Vicente Amodio, houve também conferência alusiva a data pelo prof. Adelino Pinho.

Fizeram também uso da palavra os companheiros Bortolo Scarmagnani, prof. Targat, Antonio Musitano e outros.<sup>40</sup>

Apesar de nem todos as pessoas citadas no relato acima serem alunos da escola, na maioria dos relatos de festividades, são os alunos matriculados no 3º Ano que tem maior participação nas apresentações, ou seja, os alunos mais avançados da instituição. Nos seis periódicos utilizados são citadas seis festas ou comemorações, realizadas ou agendadas. Algumas delas eram organizadas apenas com fins financeiros, sem uma temática específica, enquanto outras tinham como tema alguma data importante, como inauguração da nova sede da escola e a Tomada da Bastilha, o fuzilamento de Ferrer y Guardia, o aniversário de fundação da Escola Moderna N° 1 e a Comuna de Paris. Dessa forma, percebe-se que a ideia de culto à pátria e aos heróis nacionais é substituído pela ênfase nos movimentos contestatórios, bem como seus protagonistas, como o caso do próprio Francisco Ferrer y Guardia.

Dentre os textos relacionados às festas presentes nos impressos produzidos pela Escola Moderna, um dos que melhor parece expressar a relação da festa com os aspectos lúdico, educativo e político é o referente à festa cuja temática foi a Tomada da Bastilha, produzido pelo aluno do período noturno João Bianchine:

---

<sup>40</sup> *Boletim Da Escola Moderna*, 13 de março de 1919, 3.

## TOMADA DA BASTILHA

Realizou-se no dia 14 de julho uma festa escolar na Escola Moderna n.1. Começou a festa às 7 ½ horas e terminou às 9 horas da noite. Viemos eu, meu irmão Domingos, a mulher dele, minhas duas irmãs e muita gente. Ouvimos recitativos pelos alunos e depois houve um ensinamento de cálculos pelo sr dr. Leopoldo Guedes que falou sobre o tema – *O número e a sua aplicação prática*.

Ao terminar falou sobre a data histórica o nosso prof. João Penteado.

S. Paulo, 24 de julho de 1916

JOÃO BIANCHINE (14 anos)<sup>41</sup>

O relato demonstra que a festa proporcionava a presença da família dos alunos na escola, assim como o aprendizado de conteúdos escolares não ligados à temática festiva, como o caso da palestra sobre cálculo. Por fim, há a questão política, manifestada na fala de João Penteado. O texto de abertura da segunda edição d'*O Início* é bastante pontual ao apontar o peso que as festas tinham para a manutenção da escola:

Aparece hoje O INICIO, pela segunda vez depois de tanto tempo. Mas... que tem isso? Antes tarde do que nunca. A demora teve uma causa. E sabem qual? A crise, a maldita crise que tanto perturba a humanidade neste momento.

Foi por isso, nada mais, nada menos.

Era para ter saído periodicamente, todos os meses. Entretanto... só agora, depois de passar um ano! E, ainda assim, graças à festa do dia 14 de Agosto, que nos veio dar um alento, trazendo-nos também, como compensação de nosso trabalho, algum resultado econômico.

Senão... nem agora!<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> *O Início*, 19 de agosto de 1916, 4.

<sup>42</sup> *O Início*, 4 de setembro de 1915, 1.

As festas escolares que ocorriam durante o período da Primeira República, especialmente nos grupos escolares, eram rituais que resultavam «[...] na concentração de afetos e emoções em torno de um assunto que é celebrado e comemorado, cujo principal produto é a simbolização da unidade dos participantes».<sup>43</sup> Esse assunto costumava estar relacionado aos fatos e personagens históricos ligados à pátria e tinham como principais funcionalidades estimular o civismo e difundir os ideais republicanos. Mas também ocorriam festas ligadas a temáticas não cívicas, de cunho popular, religioso, ou também ligado a dinâmica pedagógica da própria escola.

Um ponto de bastante destaque nas festas eram as apresentações dos alunos, principalmente na forma de hinos, poesias e recitativos, indicados nos periódicos da instituição. Uma fonte que pode nos informar um pouco mais sobre o teor de tais apresentações é um caderno localizado no Acervo João Penteadó intitulado *Coleção de Recitativos Escolares*. Não há identificação de quem seria o(a) seu dono(a), mas fica claro que era de uso de professores, apesar de existirem também diversos nomes escritos com letra infantil pelo caderno. Ele é composto por 73 textos, além de treze enigmas, textos que se referem a algum objeto ou animal, a fim de que o leitor/ouvinte descubra do que se trata. Se levarmos em conta os estilos de escrita (aparentemente, há quatro caligrafias diferentes), podemos inferir que foi escrito por três pessoas.

Uma parte significativa dos textos encontrados no caderno é citada nos periódicos da Escola Moderna Nº 1: nas edições analisadas são citados 68 hinos e recitativos, sendo que 27 deles estão na *Coleção de Recitativos Escolares*. Considerando que na capa do caderno há um III, podemos suspeitar que os demais estão nos cadernos anteriores. Também há a possibilidade de terem sido arrancados, visto que há diversas páginas faltando. Outro ponto é que alguns textos são citados tanto nas edições d' *O Início* quanto do *Boletim da Escola Moderna*, como «O papão», «As pombas», «Homini Lupus» e «O lobo e o cordeiro», de modo que se pode constatar a construção de um repertório cultural próprio da instituição.

---

<sup>43</sup> Bencostta, «História Da Educação e Cultura Escolar: Representações e Imagens Das Festas Escolares», 251.

Os textos, em sua maioria, são compostos de poucas estrofes e tratam de temas comuns a textos pedagógicos, como natureza, família e moral. Podemos observar que os textos, como o que se segue, visavam inculcar determinados comportamentos morais:

### Vingança

Ignez corria atrás da irmã, levando a mão cheia de pedras. –  
Má! Espera; vais pagar por teres me batido, eu vou...

Eis vê chegar a mãe, que lhe diz: - Calmemo-nos então!

— Paula bateu-me; assim preciso defender-me.

Abre essa mão primeiro e atira as pedras fora.

Ignez obedeceu.

— Bem minha filha, agora repara: ao apanhar as pedras, arancaste, sem suspeitas sequer, uma violeta inerte, que, cega pela raiva, inconscientemente esmagaste.

Vê como a doce flor castigou a tua ofensa!

Pra vinga-se de ti a mão te perfumou.

Ignez, sentido então dessa vergonha imensa, curvou a cabecinha e trêmula corou.

Filhinha, disse a mãe com meiguice e doçura, deves vingar-te sim... como a violeta o fez. E a perfumada mão, tão pequenina e pura, à irmãzinha estendeu, arrependida, Ignez.<sup>44</sup>

Nesse mesmo sentido, destaca-se um texto intitulado «O Alcoólico». Escrito provavelmente por João Penteadado,<sup>45</sup> o texto trata dos diversos malefícios do alcoolismo para a humanidade, temática muito cara ao movimento anarquista. Também podemos identificar textos de autores consagrados do final do século XIX, como o que se segue:

---

<sup>44</sup> *Coleção de Recitativos Escolares*, s.d., 19.

<sup>45</sup> A letra é idêntica àquela presente na dedicatória do exemplar do livro *Pioneiros do Magistério* (Penteadado, 1944) utilizado nessa pesquisa.

## As pombas

Vai-se a primeira pomba despertada...  
 Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas  
 De pombas vão-se dos pombais, apenas  
 Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada  
 Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,  
 Ruflando as asas, sacudindo as penas,  
 Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,  
 Os sonhos, um por um, céleres voam,  
 Como voam as pombas dos pombais<sup>46</sup>.

O texto acima, apesar da autoria não aparecer no documento, é do poeta parnasianista Raimundo Correia. Da mesma forma, pouquíssimos textos possuem autoria referenciada, de modo que é difícil precisar quais deles, possivelmente, foram elaborados por alguém ligado à Escola Moderna Nº 1. A maior parte dos autores identificados no documento é de origem brasileira, integrantes do movimento literário intitulado parnasianismo, como o caso de Olavo Bilac, Francisca Julia da Silva, Teófilo Dias, Raimundo Correia, Antero de Quental, dentre outros. Alguns casos são interessantes para situarmos as práticas pedagógicas da Escola Moderna Nº 1 dentro do contexto mais amplo da literatura na educação. Como podemos ver, os dois autores de maior presença entre os textos identificados são Olavo Bilac e Zalina Rolim. A presença de Olavo Bilac entre os autores escolhidos é bastante curiosa, visto que Bilac era defensor ferrenho do nacionalismo e do Exército, pensamento totalmente contrário ao da proposta da Escola Moderna Nº 1.

Por outro lado, Olavo Bilac teve grande participação no movimento de surgimento do gênero de poesia infantil. A poesia infantil brasileira surge de braços dados com o processo de escolarização brasileiro, visando o aprendizado da língua portuguesa e a inculcação de valores relacionados à pátria e à moral. Uma das obras de maior circulação, nesse sentido, foi o livro *Poesias infantis*, publicado em 1904, exatamente a

<sup>46</sup> *Coleção de Recitativos Escolares*, s.d., 98.

obra de onde os quatro textos presentes na *Coleção de Recitativos Escolares* foram retirados. As palavras de Bilac no prefácio do livro são bastante pontuais para entendermos essa relação entre a poesia infantil e a escola no início do século XX:

O autor deste livro destinado às escolas primárias do Brasil não quis fazer uma obra de arte: quis dar às crianças alguns versos simples e naturais, sem dificuldade de linguagem e métrica, mas, ao mesmo tempo, sem a exagerada futilidade com que costumam ser feitos os livros do mesmo gênero.

O que o autor deseja é que se reconheça n'este pequeno volume, não o trabalho de um artista, mas a boa vontade com que um brasileiro quis contribuir para a educação moral das crianças de seu país.

Se, nas escolas, as crianças gostarem dos seus versos, o rima-dor das Poesias Infantis ficará satisfeito, e dará por otimamente empregados o seu tempo e o seu trabalho.

Importante destacar que, de modo geral, o surgimento da poesia infantil não consistiu, como no caso específico de Olavo Bilac, num processo de ampliação do público por parte dos escritores. Por outro lado, como afirma Luís Camargo, foram «[...] os professores que começam a organizar e escrever antologias de textos em prosa e verso para utilização como livros de leitura escolar».<sup>47</sup> Nesse sentido, destaca-se Zalina Rolim, escritora e professora que colaborou com diversos periódicos pedagógicos oitocentistas, dentre eles, a *Revista do jardim de infância*, cujos dois volumes foram publicados em 1896 e 1897. Além da participação nos periódicos, Rolim foi subinspetora durante quatro anos no Jardim da Infância, anexo à Escola Normal Caetano de Campos, na capital paulista.

Os periódicos pedagógicos eram poderosos dispositivos de circulação de modelos pedagógicos, visando a padronização de procedimentos. No caso da *Revista do jardim de infância*, consistia em uma publicação de orientação froebeliana, que apresentava uma quantidade considerável de

---

<sup>47</sup> Luís Camargo, «A Poesía Infantil No Brasil», *Revista de Critica Literaria Latinoamericana* 27, no. 53 (2001): 90.

procedimentos que poderiam ser utilizados na educação infantil, bem como canções e textos para uso cotidiano. Em um dos textos de Rolim, presente na *Coleção de Recitativos Escolares*, existe uma anotação afirmando que a origem do texto «Adivinhação» foi retirado da *Revista do jardim de infância*. Desse modo, podemos afirmar que os participantes da Escola Moderna Nº 1 se apropriaram dos impressos que circulavam pelas escolas públicas paulistas no início do século XX. Obviamente, para garantir a coesão do discurso anarquista, não eram utilizados os textos de caráter patriótico ou religioso, da mesma forma que podemos destacar a pouca incidência de textos com críticas sociais na *Coleção de Recitativos Escolares*. Nesse sentido, a escolha dos textos demonstra que a sua função era basicamente o ensino da língua em si.

Em relação à higiene, poucas menções são feitas nos documentos relacionados à Escola Moderna Nº 1. De modo geral, a preocupação com a higiene nas escolas ganhou bastante força com Oscar Thompson, o diretor geral da Instrução Pública do estado de São Paulo e responsável pelo fechamento das escolas modernas. Thompson defendia o protagonismo das escolas e dos professores na vulgarização dos conhecimentos científicos de higiene, que deveriam ser transmitidos através dos pressupostos do incipiente escolanovismo. Talvez a questão relacionada à higiene mais presente na Escola Moderna Nº 1 é o combate ao alcoolismo. O texto, provavelmente de autoria de João Penteado, presente na *Coleção de Recitativos Escolares* é bem pontual nesse sentido:

#### O alcoólico

O alienado que anda acolá a gesticular  
 É um alcóólico. A pouco e pouco  
 Embebeu seus tecidos no liquido funesto  
 E agora, vedes! Es o que resta dele.  
 É uma garrafa viva. Está supersaturado.  
 No seu cérebro escleroso no seu fígado  
 Endurecido.<sup>48</sup>

Durante o início do século XX, consolidou-se a ideia de que a ingestão excessiva de bebidas alcoólicas, além de prejudicar o organismo do

<sup>48</sup> *Coleção de Recitativos Escolares*, s.d., 54-55.

próprio indivíduo, traria consequências drásticas para seus descendentes, visão que é adotada também por pedagogos e trabalhadores. Dentre os grupos que militaram intensamente contra o alcoolismo, destacam-se os anarquistas, que utilizaram tanto a imprensa quanto o teatro para combatê-lo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante muito tempo, a historiografia da educação brasileira foi dominada pelo que Marta de Carvalho<sup>49</sup> chamou de matriz azevediana: uma narrativa pautada na obra *A Cultura Brasileira*, publicada pelo professor Fernando de Azevedo, integrante do movimento escolanovista brasileiro. Na obra, era visada a construção de uma lógica polarizada entre o «novo», representado pela Escola Nova, e o «velho» ou «tradicional», composto pelos demais modelos pedagógicos, especialmente a pedagogia moderna. Sob o signo do tradicional é que, provavelmente, a pedagogia racionalista, presente nas escolas vinculadas ao movimento escolamodernista, seriam enquadradas por tal perspectiva. Seriam, se fossem sequer mencionadas: a matriz azevediana silenciou completamente a presença das escolas anarquistas no país. Esse silenciamento é o segundo praticado por um entusiasta do escolanovismo em relação às escolas modernas. O primeiro, não simbólico, mas coercitivo, ocorreu através de Oscar Thompson, responsável pelo fechamento dessas escolas.

A maior parte da literatura acadêmica sobre a Escola Moderna N° 1 costuma destacar o quanto ela se diferenciava das escolas regulares do período. Por outro lado, a discussão que buscamos levantar no presente texto é a de que a experiência da Escola Moderna N° 1 não estava totalmente à parte do contexto educacional paulista do início do século XX. João Penteadó e os demais integrantes da instituição, pelo contrário, souberam se apropriar de um repertório cultural presente na reforma republicana do ensino paulista que criou o grupo escolar. Primeiramente através de uma ideia de normalização por meio de uma escola modelo, que deveria ser reproduzida.

---

<sup>49</sup> Carvalho, *A Escola e a República e Outros Ensaio*s.



Os integrantes do movimento escolamodernista paulista souberam acessar os impressos pedagógicos que circulavam no contexto da virada do século. Porém, se apropriaram de apenas alguns de seus aspectos, ignorando ou transformando questões como o civismo, presente em grande parte deles. Por outro lado, a escola também apresentou algumas transgressões em relação aos grupos escolares do período. Uma delas foi a coeducação dos sexos. Apesar de algumas questões problemáticas, como a de uma formação diferente para meninos e meninas, como exposto anteriormente, é importante destacar que o fato de os grupos escolares aceitarem tanto meninos quanto meninas não significa que eles frequentavam as mesmas salas: isso só ocorreu paulatinamente ao longo do século XX.

João Penteadó, apesar de não ser normalista, soube transitar entre uma literatura especializada, ligada ao movimento da pedagogia moderna, flertando com o anarquismo. Em todo o caso, a experiência da Escola Moderna Nº 1, durante sua existência, curta para uma escola «comum», mas longa para uma escola anarquista, apresentou singularidades. Dentre elas destaca-se a intenção de levar uma escola próxima dos grupos escolares até uma população marginalizada, formada por filhos de operários pobres, muitos deles negros, que seriam relegados às péssimas condições das escolas isoladas.

O movimento de apropriação da pedagogia racionalista realizado por João Penteadó e demais envolvidos ocorreu dentro de um dado contexto sociocultural, com suas peculiaridades e contradições inerentes. E é dessa forma que devemos pensar os diversos processos de apropriação de propostas pedagógicas que circundam os meios educacionais do presente. Um dos grandes erros das políticas educacionais que visam transformar as práticas pedagógicas é pensar que elas funcionam tal qual manuais de instruções a serem seguidos minuciosamente. O processo de apropriação de modelos pedagógicos é formado de sujeitos que, seja por resistência, seja por conta de seu repertório intelectual, realizam leituras diferenciadas de tais políticas. Não se trata aqui de afirmar se isso é algo positivo ou negativo, mas chamar a atenção para o caráter vivo dos processos de apropriação, que não podem ser contingenciados.

## Nota sobre os autores

DOUGLAS BAHR LEUTPRECHT possui graduação em História e mestrado em Educação pela Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) e doutorado em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atuando principalmente nos seguintes temas: educação, políticas educativas, currículo e história da educação. Atualmente é professor de Ensino Superior na Universidade Sociedade Educacional de Santa Catarina (UNISOCIESC) e da Educação Básica na Rede Municipal de Ensino de São Francisco do Sul. É membro do Grupo Interdisciplinar de Estudo, Pesquisa e Práticas em Educação (GIEPPE), atuando em investigações sobre práticas docentes e na formação continuada de professores.

NORBERTO DALLABRIDA é graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). É professor de História de Educação no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Realizou estágio pós-doutoral na Universidad de Alcalá de Henares (Espanha), sob a supervisão da Profa. Dra. Maria del Mar del Pozo Andrés e foi professor convidado na Université Paris Nanterre (França), tendo como supervisor o Prof. Dr. Laurent Gutierrez. É pesquisador do CNPq e do Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Universidade de Lisboa. É coordenador da pesquisa «Cultura escolar nas classes secundárias experimentais (décadas de 1950 e 1960)», cuja equipe é de abrangência nacional. É autor dos livros *A fabricação escolar das elites: o Ginásio Catarinense na Primeira República* (Editora Cidade Futura, 2001) e *Ensino secundário público e de qualidade no antigo Instituto de Educação – Florianópolis, 1947-1963* (Editora da UDESC, 2017) e coautor da obra *A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)* (Editora Mercado de Letras, 2011). É autor de artigos sobre história da educação no Brasil, na Espanha e na França em periódicos brasileiros e europeus. Atualmente é coordenador do Observatório do Ensino Médio em Santa Catarina (OEMESC) e colaborador do *Jornal da Educação*, onde assina a coluna mensal «Histórias da Educação».

## REFERÊNCIAS

- Bencostta, Marcus Levy. «Grupos Escolares No Brasil: Um Novo Modelo de Escola Primária». Em *Histórias e Memórias Da Educação No Brasil. Vol III - Século XX*, editado por Maria Stephanou e Maria Helena Camara Bastos, 68-76. Petrópolis: Vozes, 2005.
- Bencostta, Marcus Levy. «História Da Educação e Cultura Escolar: Representações e Imagens Das Festas Escolares». Em *Histórias Das Culturas Escolares No Brasil*, editado por Diana Gonçalves Vidal e Cleonara Maria Schwartz, 245-266. Vitória: Edufes, 2010.
- Camargo, Luís. «A Poesía Infantil No Brasil». *Revista de Critica Literaria Latinoamericana* 27, no. 53 (2001): 87-94.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de. *A Escola e a República e Outros Ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.
- Carvalho, Marta Maria Chagas de. «Pedagogia Moderna, Pedagogia Da Escola Nova e Modelo Escolar Paulista». Em *Modelos Culturais, Saberes Pedagógicos e Instituições Educacionais*, editado por Marta Maria Chagas de Carvalho e Joaquim Pintassilgo, 186-216. São Paulo: EdUSP, 2011.
- Ferrer y Guardia, Francisco, *A Escola Moderna*. São Paulo: Terra Livre, 2014.
- Luizetto, Flávio. «O Movimento Anarquista Em São Paulo: A Experiência Da Escola Moderna Nº1 (1912-1919)». *Educação e Sociedade* 24 (1986): 18-47.
- Safón, Ramón. *O racionalismo combatente de Francisco Ferrer Guardia*. São Paulo: Imaginário, 2003.
- Souza, Rosa Fátima de Souza. «As Escolas Públicas Paulistas Na Primeira República: Subsídios Para a História Comparada Da Escola Primária No Brasil». Em *Escola Primária Na Primeira República (1889 - 1930): Subsídios Para Uma História Comparada*, editado por José Carlos Souza Araújo, Rosa Fátima de Souza e Rubia-Mar Nunes Pinto, 23-77. Araraquara: Junqueira&Marin, 2012.
- Teive, Gladys Mary Ghizoni. «Uma Vez Normalista, Sempre Normalista»: *Cultura Escolar e Produção de Um Habitus Pedagógico*. Florianópolis: Insular, 2008.